

A FOTOGRAFIA NOS ARQUIVOS: um breve estudo sobre a necessidade de uma gestão documental

Luciene de Castro Braga¹
Alessandro Ferreira Costa².

RESUMO: O artigo “A fotografia nos arquivos: um breve estudo sobre a necessidade de uma gestão documental” versa sobre a legitimação da fotografia enquanto documento arquivístico, passível e necessário de todos os cuidados dispensados aos chamados documentos “tradicionais”. Para tanto, apresentamos estudo de caso sobre materiais fotográficos em espaços arquivísticos, baseando-nos tanto nos procedimentos operacionais observados no arquivo de uma instituição especialista na geração e no comércio de conteúdos fotográficos e editoriais, quanto na literatura da área. Considerados os óbices ora identificados e amparados pelo contexto teórico, apresentamos conjunto de quatro ações práticas que objetivam otimizar o trabalho arquivístico da instituição e do setor de arquivo, elaboradas e desenvolvidas no decorrer do ano de 2015, vinculadas ao trabalho de conclusão do curso de graduação em Arquivologia na Universidade Federal de Minas Gerais. O resultado final das ações desenvolvidas na empresa alcançou uma dimensão institucional de grande valia ainda que, bem o sabemos, muito há que se percorrer no encontro daquilo que é perseguido como ideal.

Palavras-chave: Fotografia. Arquivo. Gestão arquivística.

PHOTOGRAPHY IN THE ARCHIVES: a brief study on the need for document management

ABSTRACT: The article "The photograph in the archives: a brief study on the need for a document management" is about the legitimacy of the photograph as document archival, liable and required of all care provided to so-called "traditional" documents. Therefore, we present a case study on photographic materials in archival space, based on both operational procedures observed in the file of a specialist institution in the generation and trade of photographic and editorial content, as in the literature. Considered now identified obstacles and supported by theoretical context, we present set of four practical actions aimed at optimizing the archival work of the institution and the file sector, prepared and developed during the year 2015, related to the work of completing the degree course Archivology in the Universidade Federal de Minas Gerais. The end result of the actions developed in the company reached an institutional dimension of great value though, as we know, there is much to go in meeting what is pursued as ideal.

Keywords: Photography. Archives. Records Management.

¹ Bibliotecária e Arquivista pela Escola de Ciência da Informação (UFMG). lucienecb@ymail.com

² Professor Adjunto da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Ciência da Informação pela UFMG. prof.alessandrocosta@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em sua prática diária, arquivistas vêm se deparando com a presença de novos formatos e tipos de documentos nos ambientes de arquivos. Neste contexto, o presente trabalho versa sobre a legitimação da fotografia enquanto documento arquivístico, passível e necessário de todos os cuidados dispensados aos chamados documentos “tradicionais”. Para Marilena Paes, os acervos fotográficos compõem aquilo que se convencionou chamar de arquivos especiais, constituído por documentos de formas físicas diversas e, “[...] por esta razão, merecem tratamento especial não apenas no que se refere ao seu armazenamento, como também ao registro, acondicionamento, controle, conservação, etc.” (PAES, 2004, p.22). Neste sentido, a presente comunicação pretende expor conjunto de reflexões decorrentes da vivência profissional em meio a arquivos fotográficos e a sintonia desta atividade com a literatura da área. Para tanto, apresentamos breve estudo de caso sobre a fotografia nos arquivos, baseando-nos nos procedimentos operacionais observados na empresa X Imagens¹ e em seu arquivo fotográfico (natodigital). Este relato, devidamente fundamentado por pesquisa teórica, é consequência do trabalho realizado junto ao Estágio Supervisionado em Arquivologia, no curso de graduação homônimo, ofertado pela Escola de Ciência da Informação da UFMG, no decorrer do ano de 2015, sob orientação do Professor Alessandro Costa, lotado no Departamento de Teoria e Gestão da Informação daquela Universidade.

2 A EMPRESA

Sediada na cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais, a empresa X Imagens foi fundada no ano de 2003 e inserida no seguimento de mercado responsável pela geração e comércio de conteúdos fotográficos e editoriais, tomando por missão a excelência dos seus produtos e serviços. Com ampla atuação no mercado fotográfico documental, editorial e corporativo brasileiro, a X Imagens colabora com os principais veículos da imprensa nacional, mantendo também, a sua própria editora. Sua estrutura organizacional conta com um acervo fotográfico constituído por mais de 800 mil imagens (dados referentes ao ano de 2015), além de outras 20 mil fotografias disponíveis online, passíveis de consulta e compra. Para a pesquisa do material fotográfico, tanto por parte dos usuários internos (sócios, empregados e colaboradores) como dos usuários externos (clientes), a empresa faz uso da plataforma de criação de sites *Photoshelter*, que permite a catalogação das imagens produzidas e o seu gerenciamento comercial.

A empresa conta com uma equipe multidisciplinar formada por 15 profissionais responsáveis pelas atividades de fotografia, manutenção de banco de imagens e do arquivo audiovisual, atendimento, administração, integração de conteúdo às mídias digitais e planejamento de grandes projetos autorais; além dos parceiros que realizam trabalhos para a agência. Especificamente em seu arquivo, atualmente, apenas uma bibliotecária ali atua, sendo então responsável pelo recebimento, organização, identificação e acesso às imagens do arquivo da empresa, e ainda, pela gestão do próprio banco de imagens... Uma evidente sobrecarga de atividades dada a complexidade de sua natureza.

2.1 O ARQUIVO

A partir do trabalho/pesquisa realizado na X Imagens foi-nos possível perceber que o seu arquivo era resultado de um processo natural institucional: não fora criado a partir de um planejamento deliberado e os documentos ora guardados são, em sua quase totalidade, de origem natodigital. O setor é um dos poucos que tem uma área exclusiva na rede interna de computadores e o seu conteúdo possui acesso restrito ao responsável pelo arquivo e a um dos sócios. Isso se deve a problemas anteriores com perdas de documentos fotográficos, o que motivou a empresa a limitar o acesso à base digital de conteúdo visual somente àqueles que trabalham diretamente com a sua gestão, evitando assim o descarte irresponsável - por vezes irreparável - de documentos representativos.

Além dos documentos fotográficos e também videográficos (extensões JPG, DNG, CR2, TIFF e MOV), o arquivo possui ainda uma pequena, mas, importante parte do seu acervo formado por cromos e negativos (cerca de 900 unidades, segundo a responsável), DVDs (aproximadas 790 mídias aguardando o descarte visto que o seu conteúdo já fora transferido para fitas LTO) e autorizações de uso de imagem. Conceitualmente, o arquivo pode ser assim estruturado:

a) **INSTITUCIONAL**: subdividido em arquivo pregresso, que responde pelas fotografias mais antigas produzidas antes da política de legendamento e gestão de arquivamento, e o arquivo corrente, referente às fotografias mais recentes que já possuem legendamento padrão e estão dentro da nova política de gestão.

b) **COMERCIAL**: Banco de Imagens (BDI). Disponibilizado para a busca e download online, é uma grande coleção de fotografias que retratam o Brasil em seus aspectos

sociais, culturais e naturais. Possui um legendamento² mais detalhado e tradução para a língua inglesa.

Apesar de possuir um fluxo de trabalho bem definido, a empresa não segue um padrão de descrição de materiais fotográficos reconhecido pela literatura do campo, elaborando sua própria metodologia (arquivamento, descrição e nomeação dos documentos) a partir das necessidades dos seus clientes, bem como a sua.

3 PROBLEMA & OBJETIVO

A falta de obediência a qualquer padrão ou princípio arquivísticos, no que compete à gestão dos seus conjuntos documentais, reflete no arquivo da X Imagens uma constante que ainda persiste por entre as instituições produtoras de conteúdo disponível em imagens fixas e/ou em movimento: a ideia simplista de que procedimentos de guarda documental surgem espontaneamente. Neste sentido, o estudo aqui relatado evidencia uma série de óbices que serviram de ponto de partida para a análise e prospecção de ações arquivísticas passíveis de serem implementadas na instituição, enquanto fator de competitividade estratégica:

- Número reduzido de profissionais disponíveis ao setor de arquivo;
- Uso ainda incipiente de vocabulário controlado;
- Falta de estabelecimento de uma política de indexação padronizada;
- Falta de padronização nos campos de descrição das fotografias que identifiquem as propostas das imagens;
- Identificação e nomeação ineficiente das fotografias pelos fotógrafos;
- Duplicação de fotografias na rede;
- Inexistência de uma política de preservação ou tratamento dos cromos e negativos da empresa que representam parte da história da instituição e ainda utilizados;
- Falta de um estudo pormenorizado de migração das fotografias natodigitais para o tipo DNG (*digital negative*);
- Armazenamento impróprio das fitas LTO (*linear tape-open*) de backup, o que pode acarretar em perda de dados em médio prazo;
- Inexistência de uma norma-padrão para a quantidade de fotografias a serem mantidas no servidor, o que acarreta sobrecarga do sistema e, por vezes, ocupação desnecessária de espaço na rede;
- Inexistência de uma política de descarte: muitas fotos são excluídas aleatoriamente.

Considerando o acima descrito, entendemos que a base do problema de pesquisa é a dificuldade de se gerenciar, de forma plena e responsável, o acervo fotográfico da instituição para os seus devidos fins. Neste contexto, o objetivo do trabalho realizado no decorrer do Estágio Supervisionado em Arquivologia foi a elaboração e a aplicação de ações pontuais que contribuíssem na otimização de métodos e processos que garantiriam amparo ao trabalho arquivístico naquele arquivo.

Na oportunidade, cabe-nos ressaltar que a busca por informações que fundamentassem a elaboração desse trabalho revelou-nos uma literatura ainda escassa e incipiente sobre arquivos fotográficos (em especial os natodigitais), o que implica no inexorável esforço da comunidade arquivística no desenvolvimento de trabalhos que possam, a seu devido tempo, subsidiar de maneira mais concreta aquele campo de atuação do profissional de arquivo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Como ponto de partida à nossa reflexão, lembremos o que cita Theodore Roosevelt Schellenberg acerca do conceito de documentos arquivísticos:

Todos os livros, papéis, mapas, fotografias, ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em virtude do valor informativo dos dados neles contidos (SCHELLENBERG, 2000, p.41).

Segundo Ana Cristina de Albuquerque o documento fotográfico é “a representação de uma época e reflexo do desenvolvimento da sociedade” (ALBUQUERQUE, 2006, p.38). Ainda, de acordo com a autora:

Apresentando-se em forma de registro de uma realidade humanizada pela presença do ser humano no ato fotográfico - sua referencialidade versus subjetividade - a fotografia apresenta seu caráter contraditório, ambíguo e até mesmo precário, como aponta Scharffer (1996). Sua produção e recepção de um lado nos levam a uma abordagem subjetiva e de outro, prático, o que a faz agir de vários modos na história, sendo uma delas como documento, transpondo para um suporte bidimensional a realidade e atestando fatos e pessoas (ALBUQUERQUE, 2006, p.48).

De maneira complementar, Vera Bocatto e Mariângela Fujita citam que:

A palavra fotografia tem origem no idioma grego e significa escrever com a luz (foto = luz e grafia = escrita). Nesse sentido, o significado da própria palavra já a nomeia como documento. A fotografia registra um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade (BOCATTO e FUJITA, 2006, p.86).

Por fim, para a pesquisadora Maria Eliza Linhares Borges:

[...] Tomada em espelho do real, a fotografia dispensa o emprego de metodologias capazes de fazê-la falar. Assim concebida, o tratamento dado à fotografia é o mesmo que os historiadores do século XIX davam aos documentos por eles considerados como fonte de pesquisa histórica (BORGES, 2005, p.16).

Desde a sua criação, a fotografia mostrou-se um meio distinto com que indivíduos expressam as suas narrativas, suas próprias histórias, mantendo “vivas” as suas lembranças. Voluntário ou involuntariamente, esse comportamento acabou por conferir à fotografia uma característica - ou valor - documental, carregada de informações passíveis de leitura, interpretação e geração (ou não) de novos conhecimentos. Para Bocatto e Fujita:

Nesse sentido, os documentos imagéticos como fonte de informação cumprirão o ciclo informacional, isto é, a partir da produção intelectual, a informação passará por um processo que abrange várias etapas como a edição, a seleção, a aquisição, o processamento técnico, a armazenagem e a estocagem, a disseminação, a recuperação e a utilização da informação (BOCATTO e FUJITA, 2006, p.88).

Não há como questionar que os documentos fotográficos representam, com afirma Albuquerque,

um elemento quase que indispensável para pesquisas. É usado para observações de culturas e povos juntamente a diários de campo pela antropologia, para diagnosticar doenças com fotografias científicas no caso da medicina, verificar as mudanças numa cidade, suas construções e urbanização na arquitetura, como objetos de valor histórico pela sociologia e historiografia. Estes são apenas alguns exemplos da importância do documento fotográfico para, junto à textos escritos, ajudar a entender fatos do presente ou do passado (ALBUQUERQUE, 2006, p39).

Ainda que consideradas todas as questões anteriormente expostas, o caráter/natureza arquivístico da fotografia não é ainda uma unanimidade por entre especialistas da área. Aline Lacerda cita em sua tese de doutorado que:

Para dar conta da tarefa de discutir a fotografia defendendo a sua natureza arquivística, passível de ser compreendida por meio do contexto de produção desses documentos em situações originárias específicas, procuramos construir um diálogo com estudos que se voltaram, às vezes de forma tangencial, outras vezes de forma direta, à problemática das fotografias nos arquivos, à defesa ou negação de seu caráter de documento arquivístico, à discussão de suas diferenças - sua constituição como registro, sua forma de expressão, os limites de sua contextualização - em relação aos documentos “típicos” de arquivo. Esses estudos mais recentes se desenvolveram a partir da perspectiva teórica e metodológica que a análise diplomática oferece como instrumento válido para se entender o estatuto documental de registros no mundo contemporâneo, no qual a própria materialidade dos documentos não se apresenta mais nos moldes tradicionais, como é o caso dos documentos eletrônicos (LACERDA, 2008, p.79).

Complementarmente, expressa a autora que a ascensão da fotografia ao status de documento de arquivo “seria consequência da extensão do conceito de arquivo, proveniente da perspectiva francesa de incluir, no conceito tradicional dos testemunhos de gestão e atividade institucional, qualquer testemunho da memória coletiva e individual” (LACERDA, 2008, p.88-89).

De qualquer maneira, como o citam José Antonio Moreiro Gonzáles e Jesús Robledano Arillo, não há como desconsiderar o exponencial aumento do volume deste tipo de documento, para fins de armazenamento, em centros especializados na sua guarda e difusão. Neste sentido, cabe o esforço coletivo na busca por respostas que atendam o cerne da questão: como lidar com este cenário?

A acumulação progressiva dos documentos com o passar do tempo, a falta de critérios de seleção documentária que permitam manter um volume equilibrado de fundos e a necessidade de adaptação desses centros à demanda de informação gráfica em contínuo crescimento explicam tal fato. A imagem apresenta cada dia maior importância como meio de expressão em nossa sociedade, o que provoca um aumento contínuo do patrimônio gráfico. Ela está presente tanto no mundo cultural [...] quanto no mundo científico [...] (GONZÁLES e ARILLO, 2003, p.11).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A vivência no arquivo fotográfico da empresa X Imagens provou-se importante ferramenta tanto no processo de reflexão sobre a condição de acervos documentais fotográficos natodigitais no mercado produtor, como também, na elaboração e proposição de ações práticas que possam estabelecer um direcionamento para a reversão do cenário observado. Neste sentido, propusemos uma linha metodológica de trabalho executada entre os meses de abril e dezembro de 2015, abaixo detalhada.

No período de abril a junho foi realizado trabalho *in loco* no qual foi-nos possível o melhor entendimento sobre a instituição em seus pormenores. Mesmo possuindo uma experiência anterior junto à empresa (já atuara profissionalmente ali em outra oportunidade), esse novo contato mostrou-se de suma importância para que pudéssemos traçar um perfil amplo e complexo da instituição, considerando o olhar dos seus sócios, colaboradores e clientes. Para o início dos trabalhos, foi realizada uma pesquisa sobre a X imagens e o seu percurso histórico, reunindo informações relevantes sobre a sua estrutura administrativa e física, áreas de atuação, atividades e serviços prestados, segmento de mercado; oportunizando-nos compreender os caminhos e as decisões tomadas pela empresa e o impacto deste todo complexo sobre o seu arquivo, em todas as suas variáveis. Considerando a realidade do arquivo, foram sugeridas ações arquivísticas que pudessem melhorar o desempenho das atividades atribuídas ao setor, a partir de critérios harmônicos entre prática e teoria.

Durante o período de julho a dezembro do mesmo ano, iniciamos os procedimentos práticos propriamente ditos, junto àquela instituição. Para tanto, realizamos ampla pesquisa teórica que fundamentasse o percurso histórico da fotografia, as características intrínsecas e extrínsecas do documento fotográfico, a inserção da fotografia como objeto de trabalho em arquivos, e os cuidados específicos demandados para o tratamento e gestão adequados a materiais fotográficos natodigitais³. Em um segundo momento, a vivência prática no arquivo fotográfico permitiu-nos o acesso a dados estratégicos que revelaram uma face importante da empresa e do arquivo, a partir de um estudo de usuários realizado pela responsável direta do setor que tão bem caracterizou o perfil dos consulentes e de suas demandas em relação ao arquivo⁴.

Ao estudado, pôde-se concluir sobre a necessidade de projetos/ações que garantissem melhor desempenho nos procedimentos de recuperação dos documentos ora solicitados. Para

tanto, foi escolhido um conjunto de quatro ações práticas que pudessem, ao menos, se caracterizar como um embrião de procedimentos no contexto organizacional da X Imagens.

6 RESULTADO FINAL: AÇÕES PRÁTICAS E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Considerando todo o exposto até o momento e com o suporte irrestrito da profissional responsável pelo arquivo, conforme supracitado, quatro foram as ações escolhidas nesta fase de desenvolvimento de trabalhos. A primeira destas ações foi a reestruturação e atualização do **manual básico de padronização do legendamento de imagens**, seguida pela criação da chamada **caderneta de campo** e o **treinamento** dos fotógrafos e parceiros da X Imagens. Foi realizada, ainda, em conjunto com a responsável pelo setor, uma última ação prática a qual chamamos **pauta BDI**, que tem como foco estratégico a melhora do conteúdo disponível no banco de imagens da empresa.

6.1 MANUAL BÁSICO DE PADRONIZAÇÃO DO LEGENDAMENTO DE IMAGENS

Podemos compreender o conceito de manual enquanto documento que dispõe de informações necessárias à operacionalização de equipamentos ou mesmo a realização de tarefas as mais diversas. Seja ele sucinto ou descrito minuciosamente, tem o intuito de delinear métodos, procedimentos, bem como a própria organização de áreas de uma empresa, apresentando ao usuário aspectos relacionados à sua rotina.

Considerada a importância deste tipo de documento, realizamos a reformulação daquele já existente na instituição, adequando-o às novas demandas do arquivo e de seus usuários. O “manual básico” passou a apresentar, passo a passo, os procedimentos mais adequados para a transferência, nomeação e padronização do legendamento das fotografias para os servidores do arquivo, tornando mais fácil e ágil a recuperação de documentos fotográficos ali guardados.

Este manual foi elaborado com o principal objetivo de fornecer informações sobre o processo de captura e legendamento das imagens. Mostrando as melhores formas para que o processo seja mais prático e ágil, deste modo evitando problemas como os identificados abaixo: • Identificação inapropriada dos trabalhos realizados (introdução de caracteres especiais na descrição das fotos, pouca informação, falta de um padrão na nomenclatura dos arquivos, entre outras falhas); • Separação de imagens em muitas subpastas; • Pouca comunicação com os arquivistas; • Falta de controle do

material arquivado; • Sobreposição de pastas; • Acúmulo de pastas no servidor (X IMAGENS, 2015, p.3).

Ainda, segundo o documento

As pessoas responsáveis pela captura e identificação das imagens devem seguir alguns procedimentos, estes são citados abaixo. Obrigações dos fotógrafos parceiros: • Sempre que possível o fotógrafo parceiro deverá manter seus dados atualizados na **X Imagens**, email, Skype, telefone e etc.; • Fazer a utilização correta da caderneta de campo; • Fazer o legendamento das fotos e a marcação do material que integrará o Banco de Imagens [...] (X IMAGENS, 2015, p.3. Grifo nosso).

Sobre o legendamento das fotografias, define o manual que:

O campo “Caption” é destinado para a descrição completa da imagem. Na primeira linha, deve constar a localidade (cidade e estado) e a data com o dia, o mês por extenso, e o ano. Na segunda linha, o cliente e o trabalho em questão, separados por underline. Em seguida deve-se inserir a descrição detalhada com informações que esclareçam o conteúdo da imagem. Esta descrição deve conter vírgulas e pontos finais, mas aspas e outros elementos de texto (caracteres especiais) não devem ser usados. No caso de utilizar um nome próprio, de um local ou de espetáculo, por exemplo, usar Maiúscula no início das palavras. O fotógrafo deverá, obrigatoriamente, inserir o contato dos personagens fotografados quando houver, na caderneta de campo e inserir no campo “Special Instruction” o número da proposta que está relacionada com a foto. Na última linha, deve ser colocado o crédito da imagem, com a palavra Foto em Caixa Alta e Caixa Baixa, e o nome do fotógrafo, sempre em Caixa ALTA (X IMAGENS, 2015, p.11).

6.2 CADERNETA DE CAMPO

A caderneta de campo é uma ferramenta criada para auxiliar o fotógrafo em seu trabalho diário. Inicialmente projetada para o uso em formato digital, de maneira a facilitar anotações e transferência de dados, acabou sendo mantida no formato impresso por solicitação direta dos fotógrafos. Conceitualmente, a caderneta é a “memória” registrada das informações mais relevantes referentes a uma fotografia capturada, acessível a qualquer momento, e importante auxiliar na identificação desses documentos quando da transferência ao banco de dados.

Sua concepção visa atender um conjunto de demandas como sistematização, organização e armazenamento de informações provenientes de levantamentos de campo. [...] A caderneta de campo é uma ferramenta essencial às interpretações realizadas nas etapas de captura fotográfica e na identificação das imagens após a conclusão do trabalho. Ao se preparar uma

caderneta, deve-se sempre ter em mente que ela é feita para auxiliar não só quem a preencheu, mas também outros profissionais que irão ter acesso ao material [...] (X IMAGENS, 2015, p.17).

A caderneta é um documento, portanto, deve conter informações críveis, precisas e detalhadas, atendo-se ao que há de mais representativo para a descrição do produto e do momento fotográfico, como nomes de indivíduos, locais e contatos pessoais. As anotações são feitas à tinta, preferencialmente nas cores azul ou preto, resistente à água, de forma a garantir o máximo de sobrevivência dos dados ora registrados; e com grafia legível. Deve-se a todo o custo evitar quaisquer tipos de rasuras que possam gerar margem de incerteza durante a oportuna leitura do documento.

6.3 TREINAMENTO

É notório que a promoção de ações de treinamento - bem como a sensibilização da instituição sobre a importância do arquivo enquanto espaço privilegiado de informação - deve atingir não apenas o corpo de pessoal diretamente envolvido nas atividades inerentes ao arquivo, mas também, todos aqueles que direta ou indiretamente fazem uso dos serviços ali prestados. Observada esta orientação, o treinamento foi realizado, no ano de 2015, em duas etapas: a primeira com os fotógrafos da empresa e a segunda com os fotógrafos parceiros, apresentando de forma detalhada o método de utilização do *Manual básico de padronização do legendamento de imagens*, da *caderneta de campo* e da *pauta BDI* (definida a seguir). Apesar de a proposta original contar apenas com duas etapas de treinamento, registramos aqui que muitos dos problemas operacionais observados durante a realização do estágio seriam facilmente sanados com a manutenção de uma rotina destas atividades na empresa, ampliando o seu escopo aos demais funcionários/usuários do arquivo. Contudo, antes se faz necessária a mudança do comportamento organizacional e visão de negócio da própria instituição.

6.4 PAUTA BDI

A *pauta BDI* é um documento produzido pela equipe do arquivo diante da necessidade de melhores aquisições fotográficas para o banco de imagens (BDI) da empresa. Resumidamente, ao ser informado por um fotógrafo de sua agenda de viagens, o arquivo elaborava uma pesquisa detalhada sobre o(s) local(is) visitado(s) pelo profissional orientando o mesmo sobre possíveis espaços físicos, elementos visuais ou eventos de potencial interesse

fotográfico ao setor e para o BDI da X Imagens. Com estas informações em mãos, o fotógrafo realiza a coleta de conteúdos para a sua posterior transferência à empresa.

7 CONCLUSÃO

A realização desse trabalho evidenciou-nos a crescente importância das fotografias no contexto dos arquivos: não podem ser relegadas a meros documentos acessórios e necessitam de estudos específicos, com metodologias próprias de gestão, que garantam a sua preservação e acesso contínuo. A vivência prática na X Imagens possibilitou-nos a compreensão efetiva daquilo que Miriam Paula Manini expressa:

A existência de materiais fotográficos nos arquivos coloca a fotografia numa dupla perspectiva: em primeiro lugar, deve ser tratada como qualquer outro gênero documental no que tange às regras, métodos e técnicas de Arquivística, sem perder de vista, contudo - e principalmente - suas características diferenciadoras enquanto forma de registro, conteúdo imagético e não escrito e linguagem que usa para narrar o fato/pessoa/local que documenta (MANINI, 2008, *in* BARTALO e MORENO, 2008, p.180).

Tal como cita Andrea Moreno e Verona Campos Segantini

A fotografia, assim, não é reprodutora, mas produtora de muitas realidades. Ao ser interrogado, esse documento não pode responder ao “o que aconteceu”, mas o que foi escolhido para representar um tempo e um espaço. Não um tempo contínuo, mas um tempo “congelado”. Não um espaço extensivo, mas um fragmento (MORENO e SEGANTINI, 2013, *in* LINHARES e NASCIMENTO, 2013, p.104).

Políticas de descarte, conservação e guarda, entre outras práticas arquivísticas aplicadas aos documentos fotográficos, merecem o devido destaque nas pautas de reuniões e eventos do campo. Ainda que a literatura sobre as fotografias no contexto dos arquivos - em especial as de origem digital - ainda caminhe “timidamente” em meio a outros conteúdos, percebemos uma preocupação crescente por parte de pesquisadores sobre o futuro desse tipo de documento nos espaços arquivísticos. Ensejo para novos estudos e trabalhos sobre o tema.

O resultado final das ações desenvolvidas na empresa X Imagens alcançou uma dimensão institucional de grande valia, porém, bem o sabemos que ainda há muito que se percorrer no encontro do ideal. A tomada de consciência de que todo trabalho arquivístico começa na geração do documento ainda é tarefa árdua de se fazer compreendida, mas é aquilo que também, paradoxalmente, nos mantém motivados ao ofício.

NOTAS

- (1) No intuito de se salvaguardar o direito de imagem da instituição onde fora realizado este trabalho, optamos por suprimir a primeira parte do seu nome deste relato, aqui grafado apenas por **X** Imagens.
- (2) Por legendamento entendemos a fase de descrição de metadados nos campos obrigatórios das fotografias (autoria, título, data, local, contextualização da imagem, etc.). Essa etapa é essencial no processo produtivo da empresa e do arquivo, principalmente na busca e recuperação de informações das imagens.
- (3) Uma pequena mostra desse conteúdo fora ilustrado no tópico anterior, contudo, dadas as limitações do próprio artigo, não foi possível levar ao leitor toda a abrangência da pesquisa realizada.
- (4) O estudo não será aqui divulgado por se tratar de um produto institucional com informações confidenciais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. *Catálogo e descrição de documentos fotográficos em bibliotecas e arquivos: uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 e ISAD (G)*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2006.
- BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida (Org.). *Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas*. Londrina: EDUEL, 2008. p.119-183.
- BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. *Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica*. Cadernos BAD, Lisboa, n. 2, p. 84-100, 2006.
- BORGES, Maria Elisa Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GONZÁLEZ, José Antonio Moreira; ARILLO, Jesús Robledano. *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.
- LACERDA, Aline Lopes de. *A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, 2008.
- LINHARES, Meily Assbú; NASCIMENTO, Adalson (Org.). *Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um centro de memória*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p.103-115.

PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. *Arquivos Modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

X IMAGENS. *Manual básico de padronização do legendamento de imagens*. Belo Horizonte: X Imagens, 2015.